

A LUTA DOS CARROS e a organização da Defesa contra Engenhos Couraçados, na ofensiva

Pelo Ten. Cel. F. L. BRAYNER

I — UMA ADVERTÊNCIA

As nossas preocupações máximas, no que se refere à evolução dos processos de Combate, na presente Guerra, estão todas voltadas para o surpreendente desenvolvimento que tomou a luta dos engenhos couraçados em todas as frentes de batalha. Esboçada, pode-se dizer em 1917-1918, a ação dos engenhos blindados, precipitou o fim da guerra e, no dizer de Ludendorff, a derrota dos Impérios Centrais decorreu principalmente da superioridade esmagadora que possuíam os aliados (cerca de 6.000 carros contra 50 dos alemães).

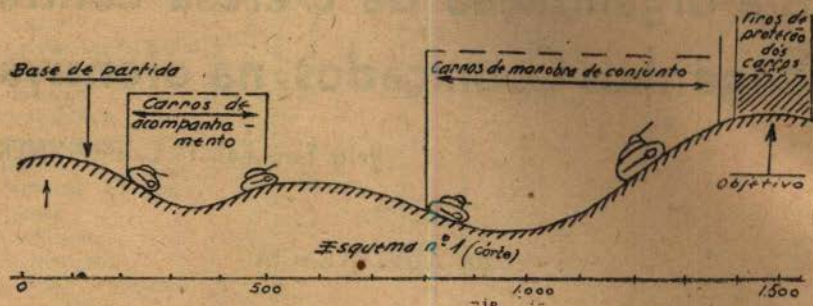
Se o motivo do seu aparecimento foi, principalmente, oriundo da necessidade de levar os projéteis de pequeno calibre ao âmago dos ninhos em que se entocavam os adversários, na presente guerra essa finalidade se ampliou e se caracterizou definitivamente pela necessidade de proteger contra a destuição prematura, o mais precioso instrumento de guerra — o homem, — prolongando a sua ação raciocinada o maior tempo possível, na mais fecunda das suas atividades de guerra: — a *ofensiva*.

O *engenho couraçado* é, antes de tudo, uma arma essencialmente da ofensiva. E nem foi ideado para outro fim.

Dentro da idéia de proteção máxima do combatente, a *ação defensiva* retira da aliança com o terreno organizado, a preservação que se procura. Na *ofensiva*, porem, o dinamismo do combatente é uma condição de êxito. Se o ataque é o fogo que avança: — escalão de ataque

e bases de fogo, — é preciso assegurar ao primeiro, as garantias para atingir os objetivos prefixados.

Raciocinando assim, chegamos a abandonar o combate linear dos carros para firmar a *ação em superfície*.



Isto significa dizer que a Infantaria, disposta de Carros rápidos para a cooperação no combate, tem que dar outra feição a sua ação.

Os carros, com uma velocidade de combate da ordem de 12 km horários, não podem ficar estreitamente ligados ao deslocamento forçosamente lento da Infantaria. Teremos, assim, um sistema ternário: — Infantaria-Carros-Artilharia, que vem substituir a rigidez problemática do antigo binário — Infantaria-Artilharia.

A manobra torna-se evidentemente mais complexa, dentro da idéia de cooperação. Em compensação, a Infantaria aufere maior proteção para os seus combatentes, numa faixa de terreno (superfície) de ordem de 1.000 a 1.500 metros de profundidade, dentro da qual trabalharão os carros — manobra de conjunto e acompanhamento (ver esquema n. 1).

Como regular esse mecanismo no tempo e no espaço?

Tomemos a hora H por base para o desembocar dos carros de manobra de conjunto (médios), protegidos pelos tiros da Artilharia aplicados sobre o objetivo a abordar no limite de grande compartimento, sistema esse completado por tiros de varrer na contra-vertente do objetivo.

ESQUEMA DO DISPOSITIVO GERAL DOS CARROS

NUMA FRENTE DE R.I.



Escala:

Iº Batalhão

IIº Batalhão

Zona de ação de Regimento

LEGENDA

- ◆ *Carro de acompanhamento (Leve)*
- ⊞ *Carro de manobra de conjunto (Medio)*
- ▣ *Carro pesado*
- ↑ *Peça anticarro*

ESQUEMA Nº 2

Fisionomia esquematica do dispositivo geral de um R.I. no ataque em cooperação com os carros, numa zona de ação de esforço capital, com duplo objetivo:

- ação profunda no dispositivo inimigo;*
- proteção maxima à Infantaria (escalão de ataque).*

Os carros, articulados em profundidade, avançam sem combater, dependendo muito a sua velocidade, do terreno; em média será da ordem de 200 metros por minuto ou 12 km./h. Na profundidade indicada no esquema, dentro de 10 minutos os carros terão abordado o objetivo, isto é, a $H + 10'$ estarão em condições de iniciar a sua neutralização, até a chegada da Infantaria.

Esta, precedida de seus carros de acompanhamento (leves), desemboca da base de partida a $H + 10'$, justamente quando os carros de manobra de conjunto atingem o seu terreno de trabalho e agem, por neutralização, sobre as organizações inimigas.

Após ter realizado a limpeza do terreno sob a proteção dos carros de acompanhamento, a Infantaria vem se juntar aos de manobra de conjunto e realiza a ocupação de objetivo a $H + 55'$ aproximadamente, numa velocidade de 100 metros em três minutos.

Evidentemente, se a profundidade do terreno for muito pequena para justificar vários escalões de carros, não serão empregados os de manobra de conjunto. Os modernos carros de acompanhamento são suficientes.

Podem preceder a Infantaria até 400 ou 500 metros e satisfazer todas as missões dentro dos limites do pequeno compartimento.

No primeiro caso (compartimento de grande profundidade), os carros de acompanhamento não ultrapassam os de manobra de conjunto; atingindo o objetivo todos se reagrupam, prontos para partir novamente.

A Artilharia trabalha, portanto, sucessivamente: em proveito dos carros, quando estes se lançam para a frente, e em proveito da Infantaria, quando ela atinge seu objetivo, resultando daí uma questão de comando e de ligação, que merece ser estudada à parte.

Temos, assim, desenrolado uma fase da ação dos carros, cooperando com as outras armas (ataque). Antes, porém, de chegar a ela, transcorre a tomada de contacto, durante a qual a interferência eventual de engenhos blindados não passa de ações locais sem aspectos de massa e de continuidade.

Conhecida que seja, a marcha da ação blindada, impõe-se analisar o reverso da medalha, isto é, como proteger os combatentes no curso de uma ofensiva, de modo a não se verem repentinamente tomados de sur-

presa e destroçados antes de terem desempenhado as missões que lhes estavam reservadas.

II — COMO PROTEGER OS ESCALÕES QUE PROGRIDEM, CONTRA A AÇÃO DOS ENGENHOS COURAÇADOS?

Reordemos, antes do mais, os aspectos característicos de uma *defensiva estática*. Sabemos que em tal situação os obstáculos e os pontos de apoio naturais constituem principais preocupações. Podemos ir mais longe nesta afirmativa, garantindo que toda tropa sob a ameaça de um ataque de engenhos blindados, seu escalão de combate deve imediatamente se agarrar aos pontos de apoio naturais e regular seus lances por eles.

As *armas de defesa* são empregadas, sejam *fixas*, sejam *móveis*, para assegurar a *inviolabilidade* desses pontos de apoio ou apoiar a progressão dos escalões de combate, de ponto de apoio natural em ponto de apoio natural.

E' o próprio mecanismo de uma progressão, a que já estamos acostumados. Entretanto, na falta desses pontos de apoio naturais ou no caso de serem os mesmos muito afastados uns dos outros, adotar-se-á uma disposição para as armas de defesa, de maneira a constituírem a ossatura de *defesa fixa*, com o aspecto de verdadeiros *fortins locais*, para garantir a posse do terreno conquistado, concorrendo ao mesmo tempo para limitar qualquer retrocesso possível dos escalões de combate, no curso da progressão. Isto é o mesmo que dizer: — uma verdadeira *base sumária de fogos anti-carros* apoia a progressão da Infantaria, no deslocamento entre dois pontos de apoio naturais, em condições de acolhê-la, no caso de ser recalçada.

Essa *defesa fixa* é completada pela *defesa movel* assegurada pelas *armas leves* que acompanham a tropa, constituindo sua proteção imediata. Quanto às armas pesadas destinadas também à defesa movel, passam a constituir meios reservados na mão do Chefe, para fazer face aos imprevistos.

Encaremos agora, sob essa consideração do desenvolvimento da progressão, as medidas de defesa na fase preliminar da batalha (aproximação e tomada de contacto) e no próprio transcurso da batalha.

III — DEFESA DAS TROPAS CONTRA OS ENGENHOS COURACADOS, DURANTE A MARCHA DE APROXIMAÇÃO E TOMADA DE CONTACTO

Quais os engenhos blindados, nessa fase das operações, que podem ameaçar as tropas que progredem?

Certamente ainda não há margem para uma ação poderosa de engenhos pesados, embora não se possa excluí-la de todo. Serão, principalmente A. M. R. e A. M. C. (auto-metrs. de rec. e de comb.), veículos geralmente bem armados, mas fracamente blindados, embora muito numerosos.

A experiência tem demonstrado que a ação desses carros leves é particularmente enervante, quando se exerce frontalmente. Muitas vezes eles conseguem se infiltrar entre elementos de segurança das colunas, e agir contra os escalões de combate das vanguardas ou mesmo atingir de surpresa os primeiros elementos dos grossos.

Essas considerações nos dão desde logo a impressão de que uma Grande Unidade como a D. I., no curso de uma *marcha de aproximação* só pode se conservar realmente segura na execução dos seus lanços, se a segurança for proporcionada por intermédio de destacamentos de proteção, lançados suficientemente longe para que possam constituir, à frente da D. I., *cortinas sucessivas*. É a noção bem nítida da *segurança ajustada* que se retoma neste momento, pela necessidade de conservar a Grande Unidade íntegra para as ações finais, uma vez que os engenhos blindados empregados nas missões de reconhecimento e combate podem desenvolver velocidade da ordem de 40 a 50 km-hora.

Como resolver tão angustiosa necessidade?

Parece que, dentro mesmo da doutrina, o mais racional é criar, bem longe, um anteparo suficientemente movel, tendo por base *Cavalaria* e *armas anti-carros* em forte proporção. Lançada a uma centena ou mais de quilômetros à frente da D. I., esse órgão de segurança se instalará sobre os *cortes naturais* que permitem uma resistência maior.

Evidentemente, esses destacamentos afastados não bastariam para que a D. I. renunciasse à sua *segurança aproximada*, verdadeiro complemento da primeira.

Mas, se esse é o papel normal das *Vanguardas*, estas já não podem mais guardar, em relação aos grossos, as distâncias que os protegiam apenas contra os tiros, isto é, as *Vanguardas* já não podem operar tão próximas dos grossos e, talvez, mesmo tenham de modificar a sua constituição.

De que necessitam as Vanguardas para cumprirem a missão?

Maior mobilidade e potência, principalmente anti-carros.

Assim, teríamos as *Vanguardas* constituídas pelo R.C.D. reforçado por elementos de Infantaria e mesmo de Artilharia, fortemente dotados de armas anti-carros e conduzindo a sua ação com relativa facilidade contra os engenhos mecânicos adversários. Se a disponibilidade em carros for suficiente, pode-se igualmente atribuir elementos de carros a essas *Vanguardas*, com a possibilidade de atuar contra os engenhos inimigos do mesmo gênero.

Essas *Vanguardas*, evidentemente poderosas, se deslocarão, de corte em corte do terreno, a uma distância de 20 a 25 quilômetros dos grossos. É quando o terreno não apresentar esses cortes, a preferência recairá sobre linhas balisadas por pontos de apoio naturais, constituídos principalmente por bosques e localidades.

E' verdade que, nos teatros de operações da América do Sul, os bosques e, principalmente, as localidades não têm o aspecto de congêneres europeus. Muito distantes, umas das outras, dificilmente uma determinada linha a atingir pelas *Vanguardas* de uma D.I., poderá englobar mais de uma localidade. Contudo, é essa a idéia predominante.

Encontramo-nos, portanto, em plena evolução da noção de *segurança tática*, mesmo sem levar em consideração as primeiras observações colhidas na presente guerra.

Os últimos tipos de engenhos blindados, potentes, velozes e bem protegidos, estão a impor ao Comando, uma busca de informações e a cobrir-se *bem mais longe*. A marcha por lances, ainda constitui a regra; entretanto, sua amplitude e traçado, estão ujeitos a modificações profundas.

Não resta dúvida que uma *segurança imediata* das colunas também se impõe. Ora, tudo isto representa um aparelho de proteção de grande vulto e custoso.

É necessário pensar, então, numa solução econômica, tal como a preconizada na Infantaria francesa: — emprego de canhões automotores que, ocupando posições sucessivas à frente, nos flancos e mesmo à retaguarda das colunas, manteriam as encruzilhadas e os pontos de passagem importantes. Uma parte desses engenhos, constituindo reserva à disposição do Comando de cada coluna, ficaria em condições de parar qualquer imprevisto.

De qualquer forma, porem, esse conjunto de medidas ainda poderá se tornar mais eficiente se a Infantaria e a Artilharia, ao passo que se aproximam do inimigo, levem ao máximo a preocupação de poder evitar um ataque de engenhos mecânicos. Para a Infantaria e, também, um pouco para a Artilharia, isso corresponde à corrida, para o *obstáculo* e para os *pontos de apoio*.

Seria recomendável igualmente a multiplicação das colunas desde que estas se prestassem mútuo apoio, vencendo as dificuldades do Comando.

Poder-se-ia, assim, evitar qualquer tentativa de infiltração no interior do dispositivo de marcha.

Como se apresentam as marchas sob tais cuidados?

Não temos dúvidas em reconhecer que sob tais precauções as marchas, de dia, se tornarão cada vez mais lentas e penosas. Para abreviá-las teremos muitas vezes necessidade de fazer marchar os grossos no curso da noite, sob a proteção das vanguardas previamente lançadas para a frente, para se estabelecerem em fim de jornada sobre um corte importante do terreno.

Os grossos procurarão, em seguida, se juntar a estas, realizando uma série de lances, inicialmente noturnos e, por vezes, em caminhões, pois, a esta altura já as vanguardas estarão em contacto com o fogo inimigo, e às voltas com os seus engenhos mecânicos.

Temos, assim, vencido a fase de aproximação e tomada de contacto, preliminares da batalha, e de tão grandes responsabilidades na condução dos efetivos até a sua fase capital — o *ataque*.

Ora, é sabido de todos que na *marcha de aproximação* a Infantaria não tem possibilidade de utilizar suas armas, embora já receba os tiros da Artilharia inimiga, os ataques da Aviação e dos engenhos blindados

que consigam se infiltrar pelas malhas das vanguardas. O Comando, em todos os escalões guarda, entretanto, a dupla responsabilidade de resguardar o moral da sua tropa e a plenitude do seu aparelhamento material, até o início da tomada de contacto, a cargo das Vanguardas, fase em que começa o desgaste dos seus efetivos.

IV — DEFESA CONTRA OS ENGENHOS COURAÇADOS, DURANTE O ATAQUE

Podemos distinguir dois casos, conforme a força atacante *esteja dotada ou não de carros*.

No primeiro caso, estando o atacante dotado de carros, a sua situação é favorável porque geralmente a sua dotação é importante e supera com certeza os que a defesa pode dispor.

Como admitir o emprego de engenhos couraçados pela defesa?

Os engenhos blindados rápidos são particularmente aptos para as contra-ofensivas e contra-ataques, justamente porque podem evoluir sob o fogo dos fuzis e armas automáticas, pela proteção que lhes proporcionam a sua blindagem e a grande mobilidade das unidades.

Pelas mesmas razões tais unidades também desempenham papel preponderante nas operações de desferramento e de manobra em retirada, cobrindo ofensivamente tais operações. Nessas condições, é natural que o Comando que disponha desses elementos na defensiva, mantenha-os como verdadeiro *orgão de manobra*.

Ao atacante cabe se premunir contra a eventualidade dessa intervenção, que poderá ocorrer a cada momento.

A ação dos seus carros deve se exercer no sentido de limpar o terreno de ação, sob a condição de possuírem os carros um canhão anti-carro capaz de vencer a blindagem dos carros adversários. Entretanto, mesmo considerando que tal aconteça e, ainda, desde que o atacante tema ação dos canhões dos carros inimigos, a progressão da Infantaria deve se fazer sob a proteção de *uma base de fogos* compreendendo armas anti-carros prontas a quebrar qualquer contra-ataque ou retorno ofensivo inimigo.

Caso o ataque se execute sem carros, com mais forte razão essa base de fogos, bem servida de canhões anti-carros, deve existir.

Encontramos aqui uma conclusão de sentido evolutivo: é que os “lanços da Infantaria passarão a ser regulados de acordo com as necessidades de deslocamento d'essa base de fogos que em caso algum deve conservar um caráter rígido”. E isto se explica pela extrema mobilidade dos carros durante a ação.

Ainda aqui encontramos os mesmos elementos que apontamos atrás, como essenciais num problema de defesa contra carros:

1.º — Uma *defesa* (base de fogos) que se instala nos pontos de apoio naturais e progride por *lanços*;

2.º — Uma *defesa movel* que tem uma parte progredindo nas próprias fileiras da tropa a proteger, confiada às armas mais leves e mais manejáveis. A outra parte, não empregada, conserva-se nas mãos do Chefe face a qualquer eventualidade.

Atingidos os objetivos previstos de parada prolongada, a *defesa movel* e a *defesa fixa* se reúnem sobre a posição a defender, tendo em vista a conservação do terreno conquistado.

V — OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Ultimamente tem se desenvolvido entre nós, um louvável esforço para se fixarem os ensinamentos fundamentais sobre o emprego dos engenhos blindados, procurando-se difundir uma abundante literatura um tanto anárquica, na maior parte tradução de revistas e jornais de todas as origens.

E' a natural influencia do que se observa no conflito mundial presente. Entretanto, não devemos exagerar nem precipitar essas observações, estabelecendo conclusões que, nas próprias fontes de origem, nada têm de definitivo.

Os ensinamentos da presente guerra ainda não foram escritos. Registram-se, é verdade, duas conclusões já indeformáveis:

1.ª) — A ação esmagadora e preponderante da Aviação nas suas múltiplas missões, de dia ou de noite e com qualquer tempo;

2.^a) — Em terra, a tendencia para uma mecanização quasi total, pois, em todos os teatros de operações já se travaram batalhas exclusivamente de “tanks”.

Mas, nós estamos ainda muito longe de pensar na montagem de ações dessa natureza. Conservemo-nos dentro dos processos que bem se integram na nossa doutrina de guerra.

O problema da defesa contra os engenhos couraçados modernos é de solução complexa; mas, é preciso encará-lo com a mesma energia e interesse com que se estuda o emprego dos carros. Assim, passaremos ao primeiro plano a *importancia dos obstáculos* e o grande valor dos *pontos de apoio naturais* na guerra de movimento, para que se possa tirar o resultado mais completo do *armamento especializado*, destinado a esse aspecto do combate.

O General Dufieux, antigo Inspetor de Infantaria francesa, escreveu: “*A defesa contra engenhos blindados, se soubermos adptar a esta nova ameaça, a noção de segurança na ofensiva como na defensiva, deve entrar desde já nos reflexos do infante*”.

Evidentemente, as linhas d’agua, como obstáculo, são os melhores; na falta deles, porém, é necessário criar o obstáculo artificial por todos os meios (minas, abatisses, fossos, trilhos verticais enterrados, etc.).

O objetivo principal, no aproveitamento ou na criação desse obstáculo, é poder-se atirar sobre os carros inimigos, enquanto eles tentam transpô-lo, sem se estar exposto ao seu fogo aproximado.

Encerrando esse resumido estudo sobre assunto de tamanha relevancia, deixamos aqui uma seria advertência, aos que estudam a guerra por necessidade profissional: o surto atordoante das grandes massas blindadas nos campos de batalha, veio transformar a noção de segurança tanto na ofensiva como na defensiva. E como a última palavra sobre o aperfeiçoamento desses engenhos, ainda não foi pronunciada, temos que nos aferrar às boas idéias, consentâneas com a nossa formação doutrinária e applicá-las às armas e engenhos que nos fornecerem.

Assim, poderemos construir, desde já, concientemente, algo de util.